

Espírito farisaico

No tempo do Cristo, já era antiga a hipocrisia farisaica.

A força de se declararem homens de fé e ambicionando a hegemonia nos círculos religiosos e sociais, os fariseus exibiam insuportável orgulho e repugnante vaidade.

Sentiam-se únicos, diante da Divindade.

Pervertidos pelo intelectualismo de superfície, colocavam acima de tudo o rigorismo aparente. Eram os inspiradores de todas as medidas da convenção política em Jerusalém. Sabiam manejar, com maestria, a arma de dois gumes, mostrando a lâmina da calúnia, no trato com os adversários do mesmo sangue e a da bajulação, diante do romano dominador. Imiscuíam-se nos negócios públicos e impunham movimentos de opinião. Elevavam seus ídolos ao trono da autoridade e do poder, incensando-os com o elogio fácil do desvario verbalístico e precipitavam, astuciosos, no abismo da antipatia pública, todos aqueles que não soletrassem a sua cartilha de fingimento. Exigiam os primeiros lugares nas sinagogas e reclamavam destaque nas assembléias mais simples. Seus mantos luxuosos requisitavam a reverência do povo e, quando penetravam o Templo, o fausto de sua presença eclipsava o próprio santuário.

Dirigiam-se a Jeová, o Altíssimo, com palavras desrespeitosas e ingratas. Como se os ouvidos do próximo fossem incapazes de registrar-lhes toda a loquacidade sonora e vazia, pronunciavam longas e fastidiosas orações, ante o altar da fé, relacionando as supostas virtudes de que se julgavam portadores; faziam o inventário verbal de suas boas ações presumíveis e, longe de pedirem o favor da Divina Misericórdia, exigiam-lhe as bênçãos que lhe eram devidas, segundo o palavrório de seus lábios incansáveis. Ostentando atributos mentirosos, estavam sempre dispostos às polêmicas mordazes, perante as quais a caridade e o esclarecimento passavam de longe, repelindo aquelas bocas de falsos advogados da fé. Ninguém devia tomar-lhes a dianteira nos mais humildes assuntos. Ante a aproximação dos adventícios, erguiam-se irritados, espalhando protestos e irradiando cóleras sagradas. Inculcavam-se supremas autoridades intelectuais do mundo religioso, e administradores e juizes eram obrigados, antes de agir em qualquer setor, à audiência prévia dos supostos mandatários da inspiração divina.

O tempo golpeou-lhes as tradições. O avanço do progresso modificou a paisagem e as transformações políticas constantes renovaram a vida intelectual do povo escolhido.

Tempestades de dor e morte desabaram sobre Jerusalém, convertendo-a num campo de destroços. Depois de Jesus, vieram as hordas de Tito, trazendo ruína e destruição. Lutas internas minaram-lhe os institutos religiosos. Em 637 foi ocupada pelos árabes e retomada pelos cruzados em 1099, sentindo os efeitos terríveis das invasões. O Templo, edificado na

época de Salomão, por artistas fenícios, com admirável suntuosidade arquitetônica, cheio de ouro e marfim, relíquias e madeiras preciosas, foi destruído por conquistadores fanáticos, sedentos de guerra e dominação.

Despojada de suas riquezas, Jerusalém passou a lamentar-se nos muros de sua desolação, clamando a saúde dos seus filhos, dispersos no Oriente e no Ocidente, como peregrinos sem pátria, destinados a chorar sempre a distância do berço natal, mas o espírito farisaico fixou-se no mundo inteiro. Persistindo na antiga dominação intelectual, disputa prioridade em todos os serviços de orientação religiosa, veste os trajes de tôdas as regiões e apresenta passaportes de todos os países.

Inda agora, que o Espiritismo cristão espalha as bênçãos do Consolador Prometido, restaurando a fé nos corações atormentados e sofrendores, os novos fariseus congregam-se em arroçados tribunais da Religião e da Ciência, emitindo sentenças condenatórias. Estão completamente redivivos, noutra roupagem carnal e envergando outros títulos exteriores para confundir e perturbar.

A revelação é exclusividade dêles. Não admitem a intromissão em seus trabalhos teológicos, inacessíveis. São prediletos da Divindade, senhores absolutos da crença, ministros únicos da graça celeste. E contra a onda renovadora da vida humana, que procede do Alto, através daqueles que regressam do túmulo, comentando as realidades eternas até então obscuras, vociferam maldições, lançam insultos, espalham dúvidas brilhantes e escuros sarcasmos.

Todavia, os servidores sinceros da Nova Revelação conhecem-nos, de longo tempo. E, por isso, caminham, valorosos e desassombrados, indiferentes aos calhaus da incompreensão deliberada e surdos ao velho realejo da ironia. Eles sabem que os avoengos de seus perseguidores de agora, cercaram o Cristo, pedindo-lhe benefícios e sinais que lhes dessem ensejo a calúnias cruéis, e que, não contentes na posição de detratores sistemáticos, se constituíram em autores do processo injusto contra o Mensageiro Divino. E sabem tudo isso, porque o mundo está informado, há mais de dezenove séculos, de que foi o espírito farisaico, vaidoso e polifronte, quem conduziu o Sublime Benfeitor ao madeiro infamante e que, não lhe respeitando nem mesmo a hora angustiada e terrível da morte, cuspiu-lhe no rosto sangrento, acrescentando: "Se tu és o Rei dos Judeus, salva-te a ti mesmo e desce da cruz".